

A metodologia das narrativas encorajadoras: potencializando o diálogo entre crianças e pesquisadores

The encouraging narratives methodology:
improving dialogue between children and researchers

Érica Nayla Harrich TEIBEL¹

Pâmella de Almeida FERNANDES²

Daniela Barros da Silva Freire ANDRADE³

Resumo

Este artigo apresenta a metodologia da narrativa encorajadora na pesquisa com crianças. O referencial teórico propõe a interlocução entre a teoria das representações sociais e a teoria histórico-cultural. O texto apresenta o desenvolvimento da metodologia no interior de um grupo de pesquisa e ilustra sua aplicação em um estudo sobre significações acerca dos arranjos familiares. As investigações possibilitaram reconhecer que a metodologia promove estruturas de oportunidade para que as crianças possam imaginar, apropriar-se, produzir e partilhar as significações estudadas, favorecendo a apreensão da dimensão subjetiva na produção e compartilhamento das representações de crianças.

Palavras-chave: Pesquisa com Crianças. Metodologia de Pesquisa. Representações Sociais. Narrativas.

Abstract

This article presents the methodology of encouraging narrative in research with children. The theoretical framework proposes an interlocution between the theory of social representations and the historical-cultural theory. The text presents the development of the methodology within a research group and illustrates its application in a study about the meanings of family arrangements. The investigations made it possible to recognize that the methodology promotes opportunity structures for children to imagine, appropriate, produce, and share the studied meanings, favoring the apprehension of the subjective dimension in the production and sharing of children's representations.

Keywords: Research with Children. Research Methodology. Social Representations. Narratives.

1 Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (PPGE/UFMT). Graduação em Psicologia pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6530024491045911>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2028-3071>. E-mail: ericanayla@yahoo.com.br

2 Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (PPGE/UFMT). Graduação em Psicologia pela UFMT. Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5146667080449738>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7412-7037>. E-mail: pamella.psicoufmt@gmail.com

3 Doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação vinculado a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora titular aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso onde atuou no Departamento de Psicologia da UFMT campus Cuiabá e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMT) sendo coordenadora do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN). Coordenadora do Núcleo Crianças e Infâncias da Casa Silva Freire. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5846054833569905>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7861-3814>. E-mail: freire.d02@gmail.com

Introdução

O presente texto discute o uso de narrativas como forma de favorecer e potencializar o diálogo entre as crianças e pesquisadores, buscando contribuir no avanço da participação das crianças, especialmente em pesquisas que atuam na interlocução entre a Psicologia Social e Psicologia do Desenvolvimento.

Este trabalho tem como ponto de partida o reconhecimento da legitimidade das significações forjadas pelas crianças acerca das suas vivências, e como argumentam Andrade, Souza e Seidmann (2019), reconhece a importância da participação das crianças na arena pública e o seu potencial de influência social. Destaca a narrativa como uma modalidade discursiva que permite acessar tais elaborações, mas que também pode ser veículo para difundir saberes sociais já estabelecidos ou ainda, com potencial para promover novas representações acerca de um tema.

Marková (2017) compreende a dialogicidade como processo fundante do pensar e agir humano, ressaltando que uma das características dessa interdependência é justamente a responsabilidade epistêmica, derivada da natureza ética dessas relações:

Somente os seres humanos são epistemicamente responsáveis e tratá-los como desiguais e inferiores os reduz a objetos. Tal tratamento transforma a relação entre o Eu-Você/Tu para o do Eu-Ele (It). A intersubjetividade e a busca por reconhecimento social não têm lugar nesta última. [...] (Marková, 2017 p. 207).

Para a autora, a interdependência do Eu-Outro é ponto de partida dos discursos e da comunicação, por meio do qual se expressam as experiências de vida das pessoas, suas emoções e interesses, ao mesmo tempo em que cria o senso de realidade social.

Nesse sentido, no contexto de pesquisa com crianças é necessário considerar o lugar social que elas têm ocupado. As pesquisas na área da sociologia da infância têm denunciado que a infância é um caso paradigmático sobre como se constrói uma identidade a partir de traços de negatividade: a idade do não-adulto, da não-fala, da não-razão, do não-trabalho e da não-infância (Tomás, 2007). Marcados pela significação da

“ausência de voz”, que mais parece se definir por uma ausência de escuta pelos adultos, os contextos de interações das crianças, em sua grande maioria, ainda se definem por relações assimétricas que as colocam mais como objetos do que atores sociais, fazendo sentido pensar no binômio: Eu-Ele (It).

Sendo assim, quando se decide realizar um estudo com crianças, na perspectiva teórica ora apresentada, deve-se orientar as escolhas metodológicas sob a premissa de reafirmar as crianças como sujeitos ativos na pesquisa, o que demanda a adesão às estratégias metodológicas sensíveis as suas formas de elaboração e expressividade, seus modos de experimentação e construção da realidade. Essa questão evidencia as próprias condições de ação e interação do pesquisador quando está em cena com a criança e, conseqüentemente, também o inscreve como elemento a ser considerado na perspectiva relacional, Eu (pesquisador/adulto) - Outro (sujeito/criança).

Representações sociais, infância e desenvolvimento infantil: o desafio da participação da criança no contexto de pesquisa

Compreendendo as representações sociais como um saber do senso comum e uma construção resultante de um processo de desenvolvimento, este trabalho parte de uma perspectiva ontogenética das representações sociais. Com base em Duveen e Lloyd (2003) é possível compreender que em toda interação social está presente um processo microgenético segundo o qual se negociam as identidades sociais e se estabelecem marcos de referência compartilhados. Esse processo de negociação das significações tem como fontes de recursos as representações sociais com as quais cada pessoa entra em contato nos grupos em que participa. Pensar o desenvolvimento ontogenético das representações sociais possibilita, dentre outros movimentos, promover o diálogo entre a Psicologia do Desenvolvimento com a Psicologia Social. Neste artigo, tal aproximação se dará considerando as contribuições da teoria histórico-cultural.

Ao partilhar dos mesmos pressupostos ontológicos sobre a realidade, estabelecidos pelo paradigma dialético, cuja teoria das representações sociais também se fundamenta (Castorina, 2013; Moscovici, 2003), Vigotski (2010) apresenta sua compreensão sobre o

desenvolvimento infantil, anunciando a influência do meio nesse processo e reforçando a importância das relações estabelecidas entre a criança e seu entorno social como fonte do desenvolvimento. Ele compreende que o desenvolvimento na criança surge a princípio como forma de comportamento coletivo, influenciado por saberes sociais que direcionam os modos de interação das crianças e que posteriormente, por meio da internalização das práticas culturais, se tornam funções do plano psicológico. É importante ressaltar, entretanto, que o plano individual não se constitui em uma mera transposição do social.

Apesar do peso atribuído por Vigotski (2010) ao meio, este não é apresentado em sua teoria como um indicador absoluto do desenvolvimento, pois é necessário tomá-lo a partir da perspectiva que a criança estabelece com ele, ou seja, por meio da sua vivência. O referido autor apresenta a vivência como uma unidade que abrange de forma indivisível a representação do meio atrelada às particularidades da pessoa. De modo que o meio é apreendido com base no que a criança toma consciência e concebe sobre ele em determinado momento de seu desenvolvimento. Com isso, entende-se que o meio influencia o desenvolvimento da criança através de uma atividade na qual a própria criança elabora o significado orientador às forças dispostas nele. Este também parece ser o caso das práticas de pesquisa com crianças.

A obra de Vigotski (2009) destaca dois tipos principais de atividade humana: a reconstrutiva ou reprodutiva e a combinatória ou criadora. A reprodutiva consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes.

Já a atividade criativa, é aquela que combina e reelabora elementos da experiência anterior, de modo a apresentar novas situações ou novos comportamentos, passíveis de ajudar na adaptação do homem em aspectos novos ou inesperados do meio. Segundo Vigotski (2009) esse processo de criação, é movido tanto por aspectos intelectuais como emocionais, de modo que ambos influenciam na atividade criativa. Como consequência, quando o inesperado surge, razão e emoção apresentam-se como motores do processo criativo, se fazendo presentes no processo de significação da realidade.

Deste modo, a partir da inserção da criança num dado contexto cultural, ela interage com membros de seu grupo, participa de práticas

sociais historicamente construídas e incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidadas na experiência humana. Essa proposição de criança como ser ativo e criativo na situação social de desenvolvimento, destaca que ela estabelece por meio da sua vivência, negociações que envolvem movimentos de criação e interpretação na apropriação da cultura, uma atividade marcada não apenas pela reprodução mas também por processos autorais.

Assim, compreende-se que representações sociais são conhecimentos que circulam no entorno pensante no qual crianças encontram-se inseridas, se apresentando como material a partir do qual a criança, começará a construir suas representações mentais, um ponto de partida para que a mesma comece a desenvolver a possibilidade de interpretar as descobertas dos meios físico e social, conferindo-lhes valores e sentidos a partir da sua inserção em determinados contextos de interação. Neste processo, considera-se que o ato de significar inclui a subjetividade integrada a sua dimensão do social, pois a produção subjetiva, ligada à dinâmica psíquica, é socialmente informada, uma vez que este é o espaço no qual se apoia a produção de um pensamento.

Representações sociais e narrativas no diálogo com os processos de significação infantil

No presente debate, diferenciar as noções de representações sociais e recursos simbólicos contribui para a compreensão a respeito do uso das narrativas encorajadoras no contexto das pesquisas com crianças. Para Zittoun *et al.*, (2003) as representações sociais são sistemas de significados compartilhado horizontalmente. Elas podem ser caracterizadas como estruturas de padrões de comunicação e práticas que ocorrem dentro de um dado espaço social, encapsulando as experiências e interpretações de um grupo sobre determinado objeto. Elas são identificadas pelos pesquisadores por meio de um longo processo de destilação e são conceituadas como estruturas interpretativas, sistemas distribuídos de significações e ações, anunciadas como fatos sociais que extrapolam a atividade simbólica de qualquer indivíduo. Deste modo, as representações sociais são veiculadas e mantidas na memória coletiva por meio dos elementos culturais, que estabelecem uma faceta material acerca do campo

simbólico no qual é possível caracterizar o objeto de representação como por exemplo uma obra de Arte, um livro, uma música, uma imagem.

Por outra perspectiva, a noção de recurso simbólico se localiza exatamente neste movimento, no qual a pessoa transforma um elemento socialmente compartilhado em um recurso psicologicamente relevante: os usos de recursos simbólicos constituem uma ponte entre o mundo subjetivo e a realidade compartilhada. Neste sentido, um recurso simbólico é sempre utilizado por uma pessoa, para quem aquele elemento cultural tem um sentido particular em uma dada situação. Com isso, a noção de recurso simbólico oferece uma ferramenta analítica fértil, pois permite rastrear a transformação de elementos culturais, tais como as narrativas compartilhadas na comunidade, em uma exteriorização única de pessoas, que carregam o traço do trabalho psíquico através do qual elas foram usadas. (Zittoun et al, 2003)

Assim, um sujeito que utiliza como recurso simbólico uma narrativa socialmente compartilhada para dar sentido ao que acontece em determinado momento de sua vida e gerenciar suas interações com outras pessoas, remete a uma elaboração que vai além do que a experiência cultural oferece: a vivência da pessoa em seu mundo, um movimento que condensa o binômio reprodução-criação tal como anunciado por Vigotski (2009).

Para Bruner (2002) as narrativas se configuram como mediadoras das experiências do sujeito e da sua relação com o mundo. O narrar possibilita ao indivíduo fazer interpretações alternativas de suas experiências, oportunizando a exploração de mundos possíveis, o que ocorre por meio da reflexão dos dilemas humanos a partir da ótica da imaginação.

Importante destacar que para o autor (2008) a criança antes mesmo de desenvolver a expressão linguística já apresenta competências na práxis da interação social, anunciando a existência de uma estrutura narrativa que habita em representações protolinguísticas⁴ do mundo, mas cuja forma final de realização depende da apropriação cultural da

4 Bruner (2008) se refere às representações protolinguísticas atreladas à capacidade prática de regulação da interação social das crianças antes mesmo delas serem capazes de se expressar ou compreender assuntos pela linguagem. Ou seja, antes da linguagem emergir como um instrumento pela criança, se faz presente em seu desenvolvimento uma estrutura narrativa que favorece a práxis da interação social e a futura aquisição de linguagem.

linguagem. Deste modo, a criança é reconhecida como um ator social competente nas suas interações, capaz de desempenhar funções e papéis e expressar compreensões sobre sua realidade com seu comportamento, ainda que a expressão linguística não esteja plenamente desenvolvida.

Com o exposto, compreende-se que a interação da criança com narrativas sobre determinados objetos de representação tem o potencial de favorecer a construção de recursos simbólicos pela criança que possibilitem a expressão de suas vivências e representações por meio da linguagem.

Narrativas encorajadoras e significações na pesquisa com crianças

Quando se considera o contexto de pesquisa com crianças, o presente trabalho se propõe a discutir o que Andrade (2017) caracterizou como narrativas encorajadoras, uma ferramenta psicológica mediadora do vivido, capaz de potencializar distintas formas de expressividade, tanto em nível individual como grupal, em diferentes espaços de socialização em que esses sujeitos estão inseridos. Tal procedimento se fundamenta na apresentação de instrumentos, que são elaborados mediante uma situação real ou fictícia semiacabada que pode ser focalizada como ponto de partida para criação de novas narrativas e/ou utilizada para estimular o desenrolar de enredos inicialmente elaborados. Sob esta via, tais ferramentas mediadoras se caracterizam como elementos culturais assim reconhecidos: situações problemas, pequenas histórias, imagens, músicas, filmes, situações imaginárias tais como rotas imaginárias, e indução de metáforas, dentre outros que são definidos considerando os objetos de representação social e seus contextos de investigação.

Tais elementos culturais favorecem a motivação das crianças, encorajando-as ao processo de interpretação e a elaboração de diferentes hipóteses interpretativas, promovendo narrativas autorais que atendem a perspectiva pessoal (vivências), ainda que se apoiem nas significações disponibilizadas pela narrativa encorajadora.

É importante destacar que o cenário relacional da produção de narrativas infantis com o pesquisador é considerado como um aspecto primordial da metodologia, sendo importante avaliar algumas condições sobre o contexto de interação no qual a criança é convidada a elaborar

significações. Neste sentido, destaca-se que é necessário um posicionamento consistente do pesquisador em demonstrar abertura para o diálogo com a criança, promovendo uma interação capaz de favorecer processos de negociação de significações, assinalando o convite ao uso do raciocínio, da imaginação e da elaboração de recursos simbólicos, em um posicionamento ativo das crianças. O objetivo é que a criança sinta que pode negociar com os modelos apresentados pela narrativa encorajadora, elaborando seu próprio enredo, incluindo suas motivações, personagens, afetos e intenções.

O desenvolvimento desta técnica começou a ser delineado por Andrade (2007) em sua tese de doutorado “O lugar feminino na escola: um estudo em representações sociais”. Tal estudo escutou adultos e crianças, visando conhecer as representações sociais que circulavam nos diferentes contextos de comunicação a respeito dos lugares identificados como potencialmente femininos⁵. O desafio metodológico envolveu a busca por acessar redes de significações silenciadas, que se afastavam do discurso oficial. Nesta pesquisa, a autora acompanhando as análises de Gauthier (2004) sobre o papel da metáfora nas pesquisas em ciências humanas e sociais propôs a formulação denominada indução de metáforas a partir da pergunta: “Se a escola pudesse ser outra coisa, que coisa ela seria?” juntamente com a proposição de rotas imaginárias – “Faz-de-conta que eu não conheço a sua escola e que você irá me apresentá-la. Por onde você começaria? E depois?”.

Desde então, essa metodologia tem sido utilizada e aprimorada em diferentes pesquisas no interior do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN), até que em 2017 a expressão “narrativa encorajadora” foi designada para definir o uso desta estratégia metodológica (Andrade, 2017).

Em 2013, Carrijo (2012) realizou a pesquisa intitulada “O hospital como lugar, segundo crianças-pacientes de um hospital universitário do município de Cuiabá– MT”. O objetivo era compreender a experiência do ser e do estar no hospital, segundo crianças hospitalizadas e para tanto elaborou um roteiro lúdico. Tal roteiro era iniciado pelo jogo do Pense

5 O lugar feminino é apresentado pela autora a partir de três indicadores: 1. abertura para o outro, 2. a espera ativa, 3. a rebeldia do imaginário fecundo. Esses indicadores, articulados com o conceito de espaço narrativo (Sennett, 1990 apud Andrade, 2007), foram tomados como qualificadores da *themata* feminino, em sua manifestação socioespacial.

Rápido, em uma adaptação da técnica de Associação Livre de Palavras (ALP), no qual a pesquisadora falava uma palavra relacionada a sua investigação e a criança respondia as cinco primeiras palavras que vinham à sua cabeça. Em seguida, a criança era convidada a contar uma história com a palavra considerada por ela como mais importante. Posteriormente, a criança era convidada a participar de uma brincadeira de faz de conta, na qual se imaginava a chegada de uma criança nova no hospital e as situações do cotidiano hospitalar que ela começaria a vivenciar.

Em 2016, Nienow (2016) apresentou a tese “A construção da imagem social da criança no diálogo com a Avaliação Nacional da Alfabetização” que teve como objetivo conhecer e identificar as interpretações que um grupo de crianças elaboraram sobre as proposições que eram apresentadas pelos adultos orientadas pelos pressupostos da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). Para tanto, no contexto de produção de dados com as crianças, a pesquisadora fez uso da imaginação e faz de conta em diferentes momentos das entrevistas semiestruturadas, convidando a criança a conversar com um amigo (imaginário) sobre diferentes situações do cotidiano escolar antes e depois da aplicação da ANA.

Em 2017, no ano em que a metodologia da narrativa encorajadora foi sistematizada no Projeto de Extensão “Rede de apoio à Infância: interfaces com a Psicologia e Pedagogia.” (Andrade, 2017), foram socializados quatro trabalhos.

Cunha (2017) defendeu a dissertação “Representações sociais de crianças sobre Cuiabá antes e depois da Copa do Mundo 2014” que teve como objetivo identificar e compreender as representações sociais das crianças a respeito da cidade de Cuiabá antes e depois da Copa do Mundo de 2014. A metodologia foi baseada na proposta de mapas cognitivos e entrevista semiestruturada na qual também fez uso de situações imaginárias em que a criança era convidada a contar para uma colega sobre a cidade de Cuiabá e suas mudanças após as obras da Copa do Mundo de 2014.

Carvalho (2017) finalizou a dissertação “‘É mais ou menos muita coisa’: significações da dieta para crianças com diagnóstico de doença renal crônica em acompanhamento ambulatorial” com a proposta de investigar a significação da dieta restritiva para crianças diagnosticadas e em acompanhamento ambulatorial. Para tanto, foi desenvolvido um roteiro semiestruturado no qual as perguntas remeteram às situações imaginárias.

A entrevista foi apresentada à criança, como uma proposta lúdica, uma simulação de um telefonema no qual a pesquisadora assume uma personagem, no caso, o(a) melhor amigo(a) da criança. Nesta brincadeira, é a criança quem apresenta um(a) suposto(a) amigo(a) que será interpretado pela pesquisadora. Esta, simula uma situação de adoecimento e, ao receber o diagnóstico médico não entendendo as prescrições médicas, liga para o(a) amigo(a), mais experiente no assunto, pedindo informações.

Teibel, (2017) apresentou a tese “Narrativa como mediadora de vivências infantis no contexto hospitalar: as representações sociais sobre o cuidado em uma enfermaria pediátrica, segundo equipe de saúde e as significações infantis”. Esta investigação tomou como objeto de análise a representação social do cuidado em uma Enfermaria Pediátrica, a partir das negociações entre diferentes redes de significados compartilhadas nesse cenário. Neste estudo, do tipo etnográfico, as narrativas das crianças sobre o cuidado hospitalar foram exploradas a partir do diálogo com as significações compartilhadas pelo projeto de extensão que promovia, sessões de interação com a história baseada no livro “Binje” (Freire, 2013), que aborda a relação da personagem com o adoecimento e com o processo de hospitalização.

Freire, Santos e Lopes (2019) no trabalho “A vida por um fio: narrativas e significações de crianças em tratamento oncológico” buscaram investigar o sentido atribuído à vida e a morte por crianças e adolescentes em tratamento oncológico, visto a dificuldade dos agentes de saúde em abordar o assunto da finitude da vida com as crianças em estágio terminal. À medida que as narrativas eram elaboradas e verbalizadas pelas crianças foi solicitado que elas as desenhassem com a ajuda de um barbante colado em um papel-cartão de modo a privilegiar a fala, o movimento e gestos objetivados nas metáforas identificadas nas imagens produzidas. Ao final, organizou-se um banco de dados a partir do qual foi possível, pela análise das recorrências, construir uma narrativa coletiva intitulada: “A vida por um fio”.

Em 2018, já com a caracterização da metodologia delineada, Toni (2018) na dissertação “Entre o hospital e a escola: significações de crianças com doença crônica sobre seus pertencimentos institucionais e implicações identitárias” buscou investigar quais sentidos e significados as crianças atribuíam em relação a vivência no hospital e na escola de modo a analisar as possíveis implicações identitárias decorrentes destes pertencimentos

institucionais. Para tanto, a produção dos dados se deu mediante observação participante e entrevista narrativa que era iniciada com indução de metáfora “Se a escola fosse outra coisa, que coisa seria? E Se o hospital fosse outra coisa, que coisa seria?”. Em seguida era apresentada para a criança a narrativa encorajadora: Era uma vez um(a) menino(a) que estava internado(a), ele(a) podia ligar para alguém que estava fora do hospital, ele(a) podia ligar para qualquer pessoa. Para quem ele(a) ligou? Como foi a conversa? O objetivo foi promover um universo fictício que abarcasse a pesquisadora e a criança em um processo comunicacional com menor pressão normativa possível, para em seguida, apresentar algumas questões norteadoras.

Assunção (2018) na dissertação “Representações sociais sobre profissionais de saúde segundo crianças: implicações identitárias no contexto da hospitalização pediátrica” para investigar as representações sociais sobre profissionais de saúde segundo crianças hospitalizadas, fez uso da observação participante e entrevista orientada pelo emprego do roteiro lúdico cujo enunciado foi: “Quem cuida de mim no hospital?”. Esse roteiro se delineou a partir da proposta de uma brincadeira mediada pela pesquisadora, na qual a criança foi convidada a desenhar e a narrar histórias. O ponto de partida foi o diálogo imaginário entre a criança já internada e outra que estaria iniciando a entrada na enfermaria. A proposta convidava a criança a conversar com a recém-chegada sobre como tudo funciona dentro do hospital, e quem cuida dela neste contexto.

Santos (2018) na dissertação “Crianças anunciadas com queixa escolar: estudo sobre significações e implicações na representação de si” utilizou-se da estratégia da narrativa encorajadora no cenário educacional, inspirando-se na ficção infantil “o príncipe que virou sapo”. O estudo constituiu um enredo semiestruturado que convidava a criança a desenvolver a seguinte narrativa: “Era uma vez o príncipe que virou sapo, ele era um príncipe pequeno, da sua idade, e a gente não sabe o porquê dele ter virado sapo e como foi a vida dele depois que ele virou sapo. Como você inventaria a continuação dessa história?” Tal metodologia teve como objetivo dialogar com crianças de uma unidade escolar sobre o que pensavam acerca de crianças anunciadas com queixa escolar, para identificar e analisar as significações produzidas sobre essas queixas e suas implicações na representação de si.

Em 2021, Appolon (2021) na dissertação “Oportunidade e ameaça

identitária: representações sociais sobre a escola por crianças imigrantes haitianas na cidade de Cuiabá (MT)” buscou identificar e compreender as representações sociais sobre escola compartilhadas por crianças haitianas matriculadas em escolas de Cuiabá-MT. O estudo fez uso de um roteiro lúdico na entrevista com as crianças que convidava ao compartilhamento sobre a sua vivência escolar no Brasil imaginando um diálogo com outra criança que morava no Haiti prestes a migrar para a mesma cidade.

Poubel (2021) na tese “A cidade das meninas e dos meninos: um estudo em representações sociais com crianças” buscou compreender e analisar a relação entre o sistema de gênero e a construção do conhecimento social de crianças sobre a cidade de Cuiabá. O estudo fez uso de entrevistas narrativas com as crianças, tendo como base uma narrativa encorajadora inspirada na obra “O menino que colecionava lugares” de Lopes (2011). Com base neste enredo, a pesquisadora apresentou uma lata de ferro, folhas de papel sulfite A4, lápis e borracha às crianças para que desenhassem os lugares da cidade. Após os desenhos, as crianças guardavam seus lugares na lata. Estes registros foram retomados para a entrevista com a criança e posteriormente para montar o mapa da cidade no contexto de um grupo focal.

Ao longo do desenvolvimento destes estudos e pesquisas de abordagem psicossocial, sejam elas embasadas pela teoria histórico-cultural, sejam no diálogo entre esta e a teoria das representações sociais, foi possível observar que o uso da narrativa encorajadora favoreceu a expressão das crianças acerca de conteúdos simbólicos que em situações comuns de diálogos intergeracionais dificilmente seriam narrados. Em seguida, será apresentado um trecho de um estudo exploratório como forma de ilustrar brevemente esses pressupostos na metodologia de pesquisa com crianças em representações sociais.

Todas as pesquisas mencionadas foram submetidas à apreciação e aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa. As crianças participantes foram devidamente informadas e manifestaram sua concordância em participar. Além dos termos de assentimento, os pais ou responsáveis legais assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a participação das crianças nas pesquisas.

Estudo ilustrativo

O estudo ilustrativo de Fernandes (2022) no qual será apresentado um episódio, teve como objetivo acessar as significações de crianças acerca da sua organização familiar. Em ambiente remoto, participaram do estudo, crianças entre sete e 10 anos, alunas de uma Escola Municipal de Educação Básica, na cidade de Cuiabá.

Para a produção de dados foi elaborado um roteiro lúdico inspirado no livro intitulado: “Uma família parecida com a da gente” (Strausz, 2000), que compara formas de organização familiar dos animais com as dos seres humanos. A narrativa parte da ideia de que “Cada bicho tem uma família diferente. Neste ponto, eles se parecem com a gente.” (Strausz, 2000). Durante a entrevista com a criança, a estratégia da narrativa encorajadora, inspirada na ficção infantil, promoveu uma brincadeira na qual a criança, ao ser convidada a fazer comparações entre arranjos familiares de humanos e não humanos acabava por operar por metáforas e por meio destas significações sobre o objeto do estudo.

Inicialmente, apenas o enunciado geral foi apresentado para as crianças. Os exemplos de famílias presentes na narrativa encorajadora só eram apresentados caso a criança manifestasse dificuldades em imaginar e aderir espontaneamente ao processo de metaforização. Neste caso, eram relatados pela pesquisadora ao menos três exemplos de famílias, com perfis diferentes, presentes no livro.

O enxerto apresentado a seguir faz referência a entrevista com uma criança que teve seu nome substituído como forma de assegurar o sigilo. Para uma breve apresentação do material gerado, foi selecionado um episódio da entrevista.

No que se refere a análise do episódio selecionado, este foi explorado e interpretado por meio da análise microgenética que segundo Góes (2000) caracteriza-se por uma forma de análise orientada para minúcias e detalhes tomados como indícios de um processo em curso, e que elege episódios que permitem interpretar o fenômeno de interesse, centrada na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos.

A família gazela de Douglas

Episódio: Informalidade do trabalho da mãe e pai como provedor

A família de Douglas é composta por ele, que tem 8 anos, um irmão bebê, uma irmã adolescente e pelos pais. No dia da entrevista, em ambiente remoto, participou estando em um quarto sozinho. Logo no início da entrevista, a pesquisadora relata que leu um livro sobre famílias de bichos parecidas com a dos seres humanos e pergunta para Douglas se ele poderia imaginar uma família de bicho parecida com a dele. O menino diz que não, então a pesquisadora recorreu à alguns exemplos do livro. O recorte que delimitou esse episódio se inicia logo após esse momento:

Pesquisadora: E agora você consegue imaginar uma família de bicho parecida com a sua Douglas?

Douglas: Sim. Família de gazelas, que minha mãe trabalha em casa e meu pai sai 4 da manhã, aí ele só volta a noite.

[...]

Pesquisadora: O que os homens iriam fazer?

Douglas: Ah o meu pai ele, ele sai para trabalhar e ele trabalha de caminhoneiro, ele faz entrega de... meu pai faz entrega.

[...]

Pesquisadora: e as mulheres?

Douglas: Minha mãe é boleira.

Pesquisadora: Tem mais mulheres na sua casa?

Douglas: Tem minha irmã.

Pesquisadora: E o que ela faria?

Douglas: Ela ajudaria a minha mãe. Na verdade, ela ajuda.

A configuração familiar das gazelas é caracterizada pelo livro como uma família na qual depois do nascimento dos filhotes, a mãe fica com eles o dia inteiro e é o pai quem sai para trazer comida. Ao estabelecer relação entre a sua família e a das gazelas, Douglas traz elementos que permitem

acessar a ideia de informalidade do trabalho da mulher, isto porque apesar de sua mãe e irmã realizarem um trabalho remunerado no contexto doméstico e privado (são boleiras), por analogia, é seu pai, assim como a gazela macho, que se encontra no espaço público do trabalho e é responsável por prover a família. Por outro lado, a criança revela também, a condição prolongada deste pai no âmbito de seu trabalho, provavelmente anunciando novos sentidos que poderiam ser explorados.

O episódio apresentado destaca um caso no qual foi necessária a mediação detalhada da narrativa encorajadora para a promoção do processo de metaforização pela criança. As análises indicam que, na microgênese da interação com a pesquisadora, mediada pela narrativa, foram elaborados pela criança recursos simbólicos que favoreceram a construção da narrativa infantil e a emergência de significações oriundas das suas vivências sobre temas complexos tais como a organização familiar, os papéis sociais de homem e mulher, o lugar da criança e da adolescente na família, a distribuição das responsabilidades no âmbito doméstico, bem como a sobrecarga do trabalho paterno.

Considerações finais

Este trabalho pretendeu discutir a metodologia da narrativa encorajadora na pesquisa com crianças ancorando-se na interlocução entre a teoria das representações sociais e a teoria histórico-cultural. Ao descrever o desenvolvimento da técnica no interior de um grupo de pesquisa o trabalho apresentou pesquisas com crianças desenvolvidas ao longo de 12 anos em diferentes contextos e, finalmente, analisou um episódio de um caso emblemático a título de exemplificação.

De modo geral, metodologicamente considera-se que a pesquisa com crianças assume uma atenção à escuta sensível, exigindo que o pesquisador construa abordagens metodológicas que ajudem as crianças a transitarem pelo universo de significação. Neste sentido, as análises sobre a metodologia permitem pensar que o uso das narrativas encorajadoras: 1. Possibilita a mediação semiótica em uma atmosfera lúdica; 2. Promove estruturas de oportunidades que atuam na iminência do desenvolvimento de modo que as crianças possam imaginar, apropriar-se, produzir e partilhar as significações sobre seu cotidiano; 3. Se aplica ao contexto de

pesquisa em diferentes contextos, seja por meio de abordagem individual ou coletiva.

Ao assumir a unidade indivisível razão e emoção, anunciada pela teoria histórico-cultural, ainda é possível apontar que as narrativas encorajadoras potencializam tanto os aspectos cognitivos associados a formação de conceitos e compartilhamento de significados, quanto os aspectos afetivos presentes nos processos de identificação e produção de significações, lembrando que as autorias infantis trazem consigo as marcas do ambiente de pensamento no qual estão inseridas e, conseqüentemente, carregam indícios das representações sociais que organizam seu mundo de vida, em um processo que envolve o binômio reprodução e criação.

Finalmente, considera-se que os roteiros de entrevistas orientados pelo uso de narrativas encorajadoras na pesquisa com crianças se apresenta como um instrumento no âmbito da triangulação metodológica nesta área, em especial no que se refere à apreensão da dimensão subjetiva na produção e compartilhamento das representações sociais, uma vez que a elaboração da criança, mediada pelo pesquisador, apresenta traços do trabalho psíquico realizado por ela neste contexto, carregando consigo indícios da utilização das representações sociais que circulam em seu entorno pensante na expressão da sua dimensão subjetiva acerca do tema investigado.

Referências

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire. **O lugar feminino na escola: um estudo em representações sociais**. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2007. (Coleção Educação e Psicologia).

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire. Rede de Apoio à Infância: interfaces com a Psicologia e Pedagogia. **Projeto de Extensão**, Sistema de Extensão (SIEx). Coordenação de Extensão (CODEX). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017.

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire.; SOUZA, Clarilza Prado de; SEIDMANN, Susana. As crianças face a Continuidade e a Descontinuidade da mente: notas em Psicologia Social. **Educação em**

Foco, v. 24, n. 3, p. 925-952, mai./ago. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/29158>>. Acesso em: 30 out. 2022.

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire.; LIMA, Rita de Cássia Pereira; SOUZA, Clarilza Prado de; TEIBEL, Érica Nayla Harrich. Crianças no contexto das pesquisas em representações sociais. In: RIBEIRO, Marcel Thiago Damasceno; PEREIRA, Bárbara Cortela (Orgs.) **Crianças, linguagens e ludicidade: caminhos e modos de caminhar**. Curitiba: Editora CRV, 2022. p.17-42.

APPOLON, Ilgentche. **Oportunidade e ameaça identitária: representações sociais sobre a escola por crianças imigrantes haitianas na cidade de Cuiabá (MT)**. 2021. 148f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2021.

ASSUNÇÃO, Andreia Maria de Lima. **Representações sociais sobre profissionais de saúde segundo crianças: implicações identitárias no contexto da hospitalização pediátrica**. 2018. 247f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2018.

BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Tradução de Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Tradução Vanda Prazeres. Lisboa: Edições 70, 2008.

CARRIJO, Mona Lisa Rezende. **“O hospital daqui e o hospital de lá”: fronteiras simbólicas do lugar, segundo significações de crianças hospitalizadas**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2012.

CARVALHO, Ilza de Andrade. **“É mais ou menos muita coisa”: significações da dieta para crianças com diagnóstico de doença renal crônica em acompanhamento ambulatorial**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2017.

CASTORINA, José Antônio. A Teoria das representações sociais e a Psicologia de Vygotsky: o significado de uma análise comparativa. In:

ENS, Romilda Teodora; VILLAS-BÔAS, Lucia Pintor Santiso; BEHRENS, Maria Aparecida. (Orgs.) **Representações Sociais: fronteiras, interfaces e conceitos**. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013. P. 37-63.

CUNHA, Jeysson Ricardo Fernandes. **Representações sociais de crianças sobre Cuiabá antes e depois da Copa do Mundo 2014**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2017.

DUVEEN, Gerard; LLOYD, Barbara. Las representaciones sociales como una perspectiva de la psicología social. In: CASTORINA, José Antônio. (Org.) **Representaciones sociales: Problemas teóricos y conocimientos infantiles**. Barcelona: Gedisa, 2003.

FERNANDES, Pâmella de Almeida; ANDRADE, Daniela Barrosa da Silva Freire. Estudos sobre narrativa: a construção de uma abordagem metodológica na pesquisa com crianças. In: **SemiEdu 2022**, 30., 2022, Cuiabá. Anais eletrônicos (Trans)ver a vida pelas lentes de uma educação científica, sensível, ética, estética e artística. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. P. 2084-2096. ISSN 2447-8776.

FREIRE, Daniela Barros da Silva; SANTOS, Claudenilde Lopes; LOPES, Gabriel William. A vida por um fio: narrativas e significações de crianças em tratamento oncológico. **Revista Corixo de Extensão Universitária**, Cuiabá, MT, n. 7, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corixo/article/view/8060>. Acesso em: 12 jul. 2023.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro: n. 25, p. 127-142, jan./ fev./ mar./ abr., 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/r/rbedu/a/PGYsfwLfVZVB5vDhkHgCCDb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2022.

GÓES, Maria Cecilia Rafael de. A Abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, abr. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3HgqZgZCCZHZD85MvqSNWtn/?lang=pt>. Acesso em: 22 de out. de 2022.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Social representations and narrative: stories of public life in Brazil. In: LÁSZLÓ, János; ROGERS, Wendy Stainton. **Narrative approaches in Social Psychology**. Budapeste: New Mandate, 2002. 47-58.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Narrative, memory and social representations: a conversation between history and social psychology. **Integrative psychological and behavioral science**, v. 46, n. 4, p. 440-456, 2012. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/46752/>. Acesso em: 03 jul. 2020.

LOPES, Jader Janer Moreira. O menino que colecionava lugares. In: TONINI, Ivaine Maria; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GOULART, Ligia Beatriz; KAERCHER, Nestor André; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 97-108.

MARKOVÁ, Ivana. **Mente dialógica: senso comum e ética**. Tradução Lilian Ulup. Curitiba: PUCPress, 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NIENOW, Naiara dos Santos. **A construção da imagem social da criança no diálogo com a Avaliação Nacional da Alfabetização**. 2016. 367 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

POUBEL, Paula Figueiredo. **A cidade das meninas e dos meninos: um estudo em representações sociais com crianças**. 2021. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

SANTOS, Ruzia Chaouchar. **Crianças anunciadas com queixa escolar: estudos sobre significações e implicações na representação de si**. 2018. 140 f. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2018.

STRAUSZ, Rosa Amanda. **Uma família parecida com a da gente**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

TEIBEL, Érica Nayla Harrich. **Narrativa como mediadora de vivências infantis no contexto hospitalar**: as representações sociais sobre o cuidado em uma enfermaria pediátrica, segundo equipe de saúde e as significações infantis. 2017. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

TOMÁS, Catarina. Paradigmas, imagens e concepções da infância em sociedades mediatizadas. **Media & Jornalismo, Portugal**, v. 11, p. 119-134, 2007. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/04/n11-07-catarina-tomas.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

TONI, Marcela Gattass. **Entre o hospital e a escola**: significações de crianças com doença crônica sobre seus pertencimentos institucionais e implicações identitárias. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. Apresentação e comentários de A. L. Smolka. Tradução de Z. Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Quarta aula**: a questão do meio na Pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Psicologia USP, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701. 2010.

ZITTOUN, Tania; DUVEEN, Gerard; GILLESPIE, Alex; IVINSON, Gabrielle; PSALTIS, Charis. The Use of Symbolic Resources in Developmental Transitions. **Culture & Psychology**, v. 9, p. 415-448, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/39731524_The_Use_of_Symbolic_Resources_in_Developmental_Transitions. Acesso em: 20 jul. 2021.

Recebimento em: 19/05/2025.

Aceite em: 29/09/2025.